

## João Allen e o Museu que fundou na Restauração

**J**OÃO ALLEN foi o penultimo filho dos dez que seu pae, Duarte Guilherme Allen, houve do seu primeiro matrimonio com D. Joanna Mazza, pertencente a uma familia italiana, aparentada com o celebre pontifice Clemente XIV (Ganganelli). Era seu pae subdito britannico e negociante, e foi consul da sua nação em Vianna do Castello e depois na cidade do Funchal, onde possuia um magnifico predio que cedeu ao governo portuguez durante a guerra com a França, por ser preciso para repartições publicas; e o cedeu em troca de duas legoas quadradas de terreno inculto, no Brazil, terreno de que nem elle nem seus herdeiros chegaram a tomar posse.

O filho mais velho de Duarte Guilherme Allen foi conego na Sé do Funchal, e tres de suas filhas casaram com homens notaveis — uma com José Monteiro de Almeida, rico negociante portuense, edificador da bella casa em que esteve installado o Correio Geral na rua de S. Bento da Victoria (depois propriedade dos herdeiros de José Gaspar da Graça), a qual senhora, pelos seus serviços prestados durante a emigração, foi agraciada com o titulo de Baroneza da Regaleira.

Outra casou com o dr. Velloso, medico do paço no Brazil e veador da primeira imperatriz, e cujas filhas casaram com os distinctos estadistas brasileiros drs. França e Totta.

A terceira casou com José Ferreira Pinto Basto, o fundador da Vista-Alegre e notavel caudilho setembrista, vindo a ser mãe de José Ferreira Pinto Basto e de seus numerosos irmãos.

João Allen nasceu em 1785, e aos 12 annos de idade foi mandado educar por seu pae para o collegio de «George Town», nas proximidades de Washington, capital dos Estados-Unidos da Ame-

rica do Norte, collegio catholico, mas com organização militar, dirigido por clerigos francezes; e voltando ao Porto, quando todos se armavam contra a França, prestou bons serviços, concorrendo com os conhecimentos que adqui-



JOÃO ALLEN

rira na America para a melhor organização dos corpos de milicias e de voluntarios, e alistando-se em seguida como voluntario anglo-luso, fez toda a campanha, *servindo a expensas suas* e distinguindo-se em algumas acções, pelo que lhe foi conferida a medalha da Torre e Espada. Finda a guerra peninsular estabeleceu-se como negociante, primeiramente em Londres e depois no Porto, vindo para aqui como principal socio da casa Monteiro Dixon & C.<sup>a</sup>, por morte de seu cunhado José Monteiro de Almeida, cuja casa d'ahi por diante ficou tendo por firma — Dixon, Allen, Figueiredo & C.<sup>a</sup>, firma que mais tarde se transformou em Allen, Morgan & C.<sup>a</sup>, hoje em parte representada

por Morgan Brothers & C.<sup>a</sup>, grandes exportadores de vinhos do Porto.

Durante a sua laboriosa carreira commercial, concorreu João Allen para a criação ou aperfeiçoamento de todos ou quasi todos os estabelecimentos uteis, quer philantropicos, quer financeiros, que no Porto successivamente se organizaram, tomando nomeadamente parte na fundação do Banco Commercial — o primeiro banco do Porto — cujas notas foram gravadas por desenhos seus. Teve tambem parte importante nos trabalhos preparatorios para a criação do monumental edificio da Associação Commercial; foi membro da feitoria britannica por aclamação expontanea da mesma, etc.

Ainda estava solteiro quando deu principio ao museu, colleccionando armas de diversos povos, medalhas e louças curiosas, e depois foi pouco e pouco adquirindo e congregando muitos outros artigos, em grande parte durante as suas repetidas viagens por França, Inglaterra e Italia, onde pouco depois do seu casamento, em 1823, com D. Leonor Carolina Amsink (filha de Rodolpho Amsink, consul de Hamburgo no Porto), se demorou mezes com sua esposa e cunhada D. Ermelinda Monteiro de Almeida (depois Baroneza da Regaleira), passando muito tempo em Roma em intimidade com o nosso abalissado pintor Sequeira, e adquirindo por bom preço varios dos melhores quadros que ornam a galeria municipal.

Não cabendo já na sua casa (n.º 281 da rua da Restauração) as numerosas e variadas colleções que havia adquirido, edificou no quintal contiguo, em 1836, uma casa composta de tres grandes salas com luz vertical, e nelas collocou essas colleções encyclopedicas que se acham minuciosamente descriptas no *Tratado de*

*Geographia*, publicado por D. José de Urcullu, vol. 1.º, art. «Porto». No 3.º volume da citada obra se vê uma gravura representando o exterior do museu e a casa de João Allen.

Foi visitado por grande numero de naturaes e estrangeiros, principalmente nos dias (domingos) em que João Allen o franqueava ao publico. Um d'esses visitantes mais notaveis foi o Conde Raczinsky, então (1846) ministro da Prussia em Lisboa, o qual, na sua obra *Lettres sur les Arts en Portugal*, falla detidamente de varias pinturas do museu.

Tambem foi visitado pelo Conde de Vargas — Bedmár — naturalista dinamarquez, o qual tanto gostou da collecção mineralogica, que, regressando ao seu paiz, de lá mandou por duas vezes a João Allen curiosos especimens colhidos nas suas viagens pelo norte da Europa.

Augmentou tambem consideravelmente, João Allen, a collecção de pinturas e outras, com as preciosidades da casa de Abrantes, que se venderam em Lisboa nos annos subseqüentes á guerra civil que terminou em 1834, sendo n'essas diligencias effizamente coadjuvado pelo nosso insigne pintor Joaquim Raphael, a quem as igrejas e estabelecimentos devem tantos quadros.

Porfiaram em tirar-lhe o retrato, por essa occasião, os artistas lisbonenses, e o dito J. Raphael fez lithographar, na officina da rua Nova dos Martyres, um, que aqui reproduzimos, com a legenda seguinte:

As artes agradecidas  
Contra o tempo que as consome,  
Te erigem um monumento  
Que vae basear teu nome.

Nada mais incoherente, porém, do que a fortuna. Assim o provou João Allen, nos ultimos annos da sua vida, sendo atraído por seu socio Morgan, que em Inglaterra abusou da firma da casa, tendo tambem depois em Portugal dissabores com pessoas que a uma nobre dedicação pelo seu chefe, preferiram salvaguardar os seus proprios interesses, aproveitando-se da ausencia de João Allen na Inglaterra.

Não pôde seu nobre coração resistir a tão grande catastrophe, e falleceu este cidadão benemerito no dia 19 de maio de 1848, alguns mezes depois do seu regresso ao Porto, havendo resolvido, depois de terminada a liquidação da sua

casa, retirar-se do negocio com os salvados do naufragio e passar o resto dos seus dias na sua bella quinta de Campanhã, que hoje pertence a seu neto snr. Alberto Rebello Valente Allen, digno consul da Grecia n'esta cidade.

Passados dois annos depois do fallecimento do fundador do Museu, e tendo o respectivo conselho de familia ordenado a venda do mesmo, todas as pessoas mais notaveis do Porto mostraram o mais vivo desejo de que este monumento não saísse da cidade, nem se desfizesse n'uma venda em almoeada, e os dois corpos administrativos, de quem dependia a sua acquisição, apesar de se acharem em guerra aberta no momento, depuzeram attritos e animosidades, e unanimemente accordaram em compral-o á viuva e filhos de João Allen.

Realizou-se a transacção pela quantia de 19 contos de réis, em que fôra avaliado por peritos competenti-simos, taes como José Victorino Damasio, João Baptista Ribeiro, Manoel José Carneiro, etc., reforçados ainda extra-officialmente pelo general Carlos Ribeiro, que foi a primeira notabilidade mineralogica e geologica do nosso paiz.

Foram, porém, esses dezoove contos pagos em letras de um conto de réis cada uma, a vencer de tres em tres mezes, o que retardou o pagamento integral por espa o de quatro annos, perdendo os herdeiros de João Allen, com descontos, cêrca de dois co tos de réis.

Deve notar-se que, na compra feita pelo municipio, não se pôde incluir o que já em leilões se havia vendido, pois pelos juizes do inventario se havia ordenado a venda em hasta publica, de objectos de valor intrinseco (alguns d'elles pertenciam ao Museu), como, por exemplo, dois ricos calices de prata dourada, estylo gothico, etc. — venda que se realisou sob a presidencia do referido juizo orphanologico.

Feita a acquisição pelo municipio, pediu a Camara licença para conservar o Museu no edificio em que estava, durante um anno, emquanto lhe não arranjava accommodação apropriada, ao que os vendedores muito generosa e gratuitamente se prestaram.

Não tendo, porém, a Camara achado local conveniente para aquelle fim, e resolvendo expô-lo ao publico, alugou á viuva do fundador a casa em que o Museu se

achava e onde o conservou desde a sua inauração publica, em 1852, até junho de 1906, em que o transferiu para uma dependencia do edificio da Bibliotheca Municipal.

Depois de comprado pela Camara, tem o Museu augmentado alguma coisa, já com offeras particulares, infelizmente ainda raras entre nós, já com a compra de pequenas collecções e objectos avulsos, sendo importante entre estes o curiosissimo sarcophago romano, descoberto no Alemtejo e descripto em uma «Memoria» publicada pelo fallecido Dr. Eduardo Allen, que foi director do Museu.

PINHO LEAL.

## Padroeiros

EM o n.º 53 d'*O Tripeiro*, o nosso collaborador M. Reis, referindo-se ao S. Vicente, citou ter sido elle o padroeiro da cidade do Porto, antes que a peste grande lembrasse a intervenção de S. Pantaleão.

Desde então arde, dia e noite, na igreja da Sé uma lampada a este santo. Ha mesmo um prazo lavrado em 1 de julho de 1600, pelo qual um Francisco de Carvalho, do logar de Melres, concelho de Aguiar de Souza, que alli tinha um olival, é obrigado a pagar annualmente dois almudes de azeite, que, para tal fim, deveria pôr á sua custa n'esta cidade. Morto elle, compete aos seus descendentes o cumprimento d'esta obrigação.

E já que fallamos em padroeiros, vem a proposito dizer que foi em 1646, a 25 de março, que as Côrtes do Reino officiarão ao paiz ter sido escolhida Nossa Senhora da Conceição para tomar sob a sua egide a nação portugueza, recebendo um tributo annual de cincoenta cruzados, e que em 11 de setembro d'esse mesmo anno veio de Lisboa uma carta regia para que a cidade, d'accôrdo com o cabido e mais clero, dêsse cumprimento a um *Breve* do Santo Padre Urbano VIII, que ordenava a acceitação de tão formosa padroeira. Annos depois (30 de junho de 1654) recebeu-se no Porto novo diploma com a cópia d'uma inscripção a Nossa Senhora, que devia ser collocada sobre as portas das cidades e villas do reino.

CORREIA DA VEIGA.